

Afif procura garantir mais tempo na TV

BRASÍLIA — O PL homologou ontem a coligação com o PDC para a sucessão presidencial, na esperança de que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aceite a união partidária e garanta mais dez minutos no horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão ao candidato liberal, Guilherme Afif Domingos.

Na semana passada, o PDC decidiu, por maioria absoluta de seus convencionais, se coligar com outro partido, mas, na hora da escolha do candidato — Afif ou Fernando Collor de Mello, do PRN —, nenhum deles obteve a maioria absoluta de votos exigida pela legislação. A questão agora será decidida pelo tribunal. “Não tenho a menor dúvida de que o TSE aceitará a coligação”, disse Afif.

O especialista em legislação eleitoral do PL, Lauro Farias, entende que, ao analisar o registro das candidaturas, cujo último prazo é 17 de agosto, o TSE aceitará o fato de que a coligação obteve a maioria simples dos votos e que seria impossível um dos dois candidatos alcançar a maioria absoluta. “Se fosse um candidato só a disputar a coligação, aí, sim, seria necessária a maioria absoluta”, observou Farias. “Mas, com vários candidatos, nenhum conseguiria isso”, considerou. Com esses argumentos, o PL espera que o TSE reconheça a coligação e que Afif foi, realmente, o vencedor na votação do PDC.

CALAZANS

Também ontem, foi oficializado o nome de Camilo Calazans, ex-presidente do Banco do Brasil, como candidato a vice na chapa de Ronaldo Caiado (PSD). Os 18 delegados à convenção extraordinária do partido e os poucos correligionários de Caiado não chegaram a encher o pequeno auditório do Hotel Aracoara, em Brasília, onde foi realizada a reunião. A ausência do único deputado federal do PSD, César Cals Neto (CE), contrário à candidatura do líder ruralista, não preocupou o presidente licenciado da UDR, já que os cinco minutos no horário eleitoral gratuito estão assegurados.

Calazans, que se declara um social-democrata, mais uma vez não conseguiu explicar sua opção por Ronaldo Caiado. Em declarações contraditórias, tentou, sem êxito, rebater as acusações de que o que ele queria mesmo era ser vice — primeiro, tentou e foi preterido pelo PSDB, partido que diz ser seu ideal; depois foi assediado pelo PDT e pelo PRN, mas não teria aderido porque os dois partidos já estão com suas chapas completas. “Isso é uma bobagem. Eu nunca quis ser vice, não quero ser reserva”, reagiu Calazans.

Embora social-democrata confesso, Calazans assumiu o discurso da UDR. “Reforma agrária para destruir o que está produzindo é anti-social”, advertiu Calazans, lembrando as disputas de Caiado com o então líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas.

Caiado e Calazans compõem mais uma chapa que entra na disputa pela herança política e eleitoral do ex-presidente Juscelino Kubitschek, eleito em 1955 pelo PSD. No auditório da convenção, faixas com os dizeres “Juscelino construiu Brasília, Caiado reconstruirá o Brasil” davam o tom da campanha.